

# 'Disparada' no contexto da música popular

CALDEIRA FILHO

No Festival de Música Popular Brasileira pelo menos duas manifestações válidas emergiram, ambas classificadas em primeiro lugar: "A Banda" e "Disparada". A primeira, de Chico Buarque de Holanda, exprime um microcosmo urbano onde fervilham as vidinhas locais, flagrante fiel de certo modo de ser tipicamente interiorano. A banda é instituição municipal de antiga tradição presente em todos os lugares grandes e pequenos do País, e de relevante funcionalidade social. A "marchinha" de banda, uma das formas populares brasileiras, foi admiravelmente estilizada na produção de Chico. "Disparada", música de Théó e letra de Vandré, é inteiramente diferente enquanto expressão e está conquistando crescente campo de interesse. Além de, como "A Banda", estar na boca de todo mundo apreciador de música popular, frequentadores de auditórios de rádio e TV, vem chamando a atenção de artistas e comentaristas e adquirindo algum direito à apreciação menos popular, quando não á crítica propriamente dita. Fomos também por ela atingidos. Expomos a seguir nossa reação.

A música toda é dada mais de uma vez devido à extensão do texto. Divide-se em duas partes. Na primeira, em andamento lento, o tema canta no seu aspecto lírico, tranquilamente ("Prepare o seu coração") como que se apresentando á sensibilidade do ouvinte. Por três vezes ressoa constituindo uma frase que ascende ao cume melódico para depois descer ("eu venho lá do sertão") com a mesma intenção expressiva. Na segunda parte ("na boiada já fui boi") os motivos de novo ascendem mas encurtados, provocando uma tensão que gradualmente vem a repousar ("cujo vaqueiro morreu") no lirismo inicial da peça. Até aí, dolente e sossegada, a música lembra a aparente fraqueza física do sertanejo assinalada por Euclides. Mas, como observa o escritor, essa aparência é ilusória e pode cessar num instante. Escreve ele ("Os Sertões", 2.a ed., pag. 115): "Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormidas. O homem transfigura-se". E mais adiante: "... e da figura vulgar do tabaréu achamboado, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado, num desdobramento inesperado de força e agilidade extraordinárias". De modo semelhante, ao repetir-se a música, agora em andamento rápido, irrompe em toda plenitude a

heroicidade do tema, até então insuspeitada.

A transfiguração descrita por Euclides passa a viver como esplendida realidade sonora. A calma ascensão inicial torna-se subitamente enérgica e dominadora; a da segunda parte, pelo encurtamento e rápida sucessão dos motivos, esforçada e ofegante, criando uma angústia que apenas se dilui na prolongada descida. Adquire então o poema sonoro o aspecto escultórico que lhe é a característica principal. O tema parece talhado em pedra, tal a granítica firmeza de contornos. Ele soa agora como a frase de Euclides: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". A concisão estilística, a perfeita visualização plástica, o impacto sobre a inteligência e a emoção são os mesmos. E sob a série de motivos curtos — já o primeiro, nos seus dois compassos, tem corte nitidamente conclusivo — desliza e continua o verso mais extenso de Vandré ("prepare o seu coração para as coisas que eu vou contar") como se, pelos laços da lógica verbal, quisesse conter-lhes a autonomia, a auto-suficiência, o impulso para a liberdade, para a "disparada". A obra, no todo, é uma construção monolítica em que a inércia da matéria é vencida pela movimentação dos ritmos, pelo encadeamento deles em constante progressão ascendente ou descendente, pela dinâmica do pensamento e voluntariedade da estruturação. A heroicidade nas suas várias gradações informa a música da primeira á última nota e lhe compõe os elementos num grupo escultural perfeito a lembrar o Monumento às Bandeiras no Ibirapuera. Em Théó como em Brecheret os motivos se fundem na funcionalidade total da obra de arte e se tornam integrantes de uma expressão dotada de admirável unidade. Note-se ainda a persistência obsessora da mesma fórmula rítmica em toda a peça, qual surda consciência de algo superior, poderoso e imprevisto que tanto pode provocar uma "disparada" quanto uma inteira transfiguração do ser. O sertanejo crê... e teme.

"Disparada" baseia-se tecnicamente na moda da viola, manifestação musical da mais legítima autenticidade entre nós. Como criação, vibra para revelar uma outra dimensão físico-social, o gigantismo da terra obediente ao império do homem, mas dele exigindo a fortaleza do braço, o ascetismo, o sacrifício. É algo que se afirma principalmente pela música, tal, por exemplo, a mensagem de uma sinfonia beethoveniana, que independe de texto literário. Essa música é mensagem de expressão e não de ideologia. Não é política,

mas simples e grandiosa manifestação de presença. É uma realidade que se impõe pelo simples fato de existir. É íntegra na estrutura, escultórica na monumentalidade. É enxuta, severa e despojada na forma, como réplica sonora á estilística verbal de Euclides. Pela essencialidade musical lembra também a incomparável frase com que Carlos Gomes, sem folclore nem populário, fez que a sua abertura para "O Guarani" pudesse ser sentida como um segundo hino nacional. Em Théó se nos depara a mesma imensidão de tempo e de espaço, a presença do mesmo Brasil. Por isso, pela autenticidade da mensagem em si é que a aceitamos como nossa. Assim, a criação de Théó se universaliza, transcende o regional, vai além do centro-sul em que teve origem, e se torna simplesmente nacional, no sentido que a esta palavra dava Mario de Andrade.

Fez-se posteriormente ao Festival uma mesa-redonda entre cujos temas se contava este: "que direções deve seguir a música brasileira". Ora, no caso, direções não se impõem. Que direção foi previamente dada a Théó? O Festival estabeleceu o ambiente, estimulou a criatividade dando-lhe possibilidades de realização. Não poderia ir além. E isso porque as peças premiadas surgiram num país que, como observou Renato Almeida, não tem "uma canção caracteristicamente brasileira, ou antes, uma canção que seja a canção brasileira". Nenhum ponto de referência, portanto. A música popular até agora feita não se cristalizou em canção brasileira, com exceção talvez das esquecidas "Casinha Pequena" e "Luar do Sertão". A produção concorrente ao Festival orientou-se espontaneamente nesse sentido, o da canção (não sabemos se houve exigência de serem as músicas para voz acompanhada) e as duas premiadas realizaram dois entre os tipos específicos possíveis (sentimental, dramático, amoroso, narrativo, de trabalho, infantil etc.) no futuro gênero "canção brasileira". Dentro da atual limitação, "Disparada" é um aspecto isolado em nossa música popular. Esta, de resto, nunca chegará a uma unificação, a uma espécie de esperanto sintetizante, porque toda cultura é constituída de elementos específicos, entre si irreduzíveis, o que leva necessariamente a expressões específicas e por isso diversificadas.

Por outro lado, "Disparada" transcende o conceito de "popular". Possui validade específica como expressão ou mensagem e validade artística como concepção e artesanato. Não tardará ser ouvida em concertos. Os americanos de há muito

ultrapassaram o nosso rigorismo e os programas de seus recitais incluem sempre numeros de canto popular. A música de Théó tem uma sanidade primitiva indiferente às tricas da harmonia e às futricas do con-

traponto. Não queremos porém fazer o elogio da ignorância; desejamos apontar como fonte inspiradora do autor a mesma em que se abeberou o "Walter" de "Os Mestres Cantores de Nuremberg". Tal produção representa ainda algo como advertência ou estímulo àqueles criadores eruditos que se comprazem infundavelmente na "coisinha", no "interessante", desvinculados dessa mascula grandiosidade que foi vista por Vandré e adivinhada por Théó.

Eis, pois, a nossa reação ao impacto de "Disparada": tem ela valor musical, significação estético-social, estiliza uma forma (a moda de viola) de real brasilidade, possui amplitude nacional, representa um dos tipos possíveis do gênero "canção brasileira" e, pelo conjunto de suas qualidades, pode aspirar inclusão nos concertos de música erudita. Note-se que a nossa admiração é de ordem crítica e não removeu a música em apreço do seu terreno específico, o popular, no qual unicamente a julgamos. Não falamos em obra de gênio: tão-somente contemplamos uma flor muito bonita... E "Disparada" não é um ponto final. Outros festivais não de vir, melhores condições serão apresentadas e, se surgirem verdadeiros criadores, novas músicas virão continuar o movimento iniciado pelas já apresentadas. Surgirá daí a canção brasileira? Não sabemos. Mas é certo que nesse campo está se dando uma nova descoberta do Brasil. Só que não é por acaso...